

# DA EXPLICAÇÃO PRONTA À COMPREENSÃO INCERTA<sup>1</sup>

## Cremilda Medina

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP)

Professora titular sênior da Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: medinase@usp.br

## RESUMEN

En proyectos como “Nuevo Pacto de la Ciencia”, “São Paulo de Perfil” y “Foro Permanente de Reflexión sobre América Latina”, desarrollados dentro y fuera de la Universidad de São Paulo (USP), en el pregrado, en el posgrado y en el Programa de Tercera Edad, la autora revela en su trayectoria de periodista, investigadora y profesora universitaria la construcción personal y colectiva del Signo de la Relación. Fundado en los lenguajes de los afectos, ese signo adquiere consistencia, en el área de la Comunicación y, específicamente, del periodismo en la producción de aquello que Medina llama la gran narrativa de la contemporaneidad. Ese camino inter-, trans- y multidisciplinar resultó en la autoría de 18 libros y en la organización de 52 antologías, además de 29 orientaciones de maestría, 31 de doctorado y dos de posdoctorado en Ciencias de la Comunicación. Estas las raíces de una práctica y de una investigación epistemológica que sirven de cuna para el pensamiento de la comprensión como método.

**Palabras clave:** Comunicación, periodismo, epistemología, método, comprensión.

## RESUMO

Em projetos como “Novo Pacto da Ciência”, “São Paulo de Perfil” e “Foro Permanente de Reflexão sobre a América Latina”, desenvolvidos dentro e fora da Universidade de São Paulo (USP), na graduação, na pós-graduação e em um Programa de Terceira Idade, a autora revela em sua trajetória de jornalista, pesquisadora e professora universitária a construção pessoal e coletiva do Signo da Relação. Fundado nas linguagens dos afetos, esse signo adquire consistência, na área da Comunicação e, especificamente, do jornalismo na produção daquilo que Medina chama de a grande narrativa da contemporaneidade. Esse

---

<sup>1</sup> Texto originalmente produzido pela autora como prefácio a *Pensar com o signo da compreensão*, obra ainda no prelo no Brasil (São Bernardo do Campo, SP: Editora Metodista) que reúne os textos publicados nesta edição da revista *Folios*, além de outros. A coletânea é organizada por Dimas A. Künsch, Mateus Yuri Passos, Paulo Emílio Fernandes, Patrícia S. Machado e Tayane Abib, integrantes do grupo de pesquisa “Da compreensão como método”.

caminho inter-, trans- e multidisciplinar resultou na autoria de 18 livros e na organização de 52 coletâneas, além de 29 orientações de mestrado, 31 de doutorado e duas de pós-doutorado em Ciências da Comunicação. Estas as raízes de uma prática e de uma pesquisa epistemológica que servem de berço para o pensamento da compreensão como método.

**Palavras chave:** comunicação, jornalismo, epistemologia, método, compreensão.

## ABSTRACT

In projects such as “The New Pact of Science”, “São Paulo in Profile” and “Permanent Forum for Reflecting upon Latin America”, which were all developed in and out of the University of São Paulo (USP) in the scope of its undergraduate and graduate programs, as well as a program for senior citizens, the author reveals a personal and also collective building of the Relation Sign along her career as a journalist, researcher and professor. Based upon the languages of affections, such sign becomes consistent in the fields of Communication and Journalism through the production of what Medina calls the great narrative of contemporaneity. This path is multi-, inter-, and transdisciplinary path which resulted in the writing of 18 books and the editing of 52 anthologies, as well as the tutoring of 29 Master’s theses, 31 PhD dissertations and the supervision of two postdoctoral research projects. Those are the roots of an epistemological research and practice which became the cradle for the conception of comprehension as a method.

**Keywords:** Communication, journalism, epistemology, method, comprehension.

## DA EXPLICAÇÃO PRONTA À COMPREENSÃO INCERTA

### **Cena 1, Moscou, julho-agosto de 1983**

No Festival Internacional de Cinema, o filme de Francis Coppola é um dos mais esperados. Na frente do cinema, dia 11 de julho de 1983, o público se acotovela para assistir *Outsiders*, uma versão pirotécnica de *Juventude Transviada* de Nicholas Ray (1955). Do outro lado da Cortina de Ferro, os moscovitas mostram comportamento semelhante aos espectadores do mundo ocidental: são fãs ardorosos do cinema norte-americano. E para meu espanto, os lugares para convidados e os vendidos com dois meses de antecedência não estão garantidos. Um verdadeiro tumulto na entrada, porque cambistas negociam em rublos ou dólares um assento previamente ocupado. Dentro da sala, até cineasta estrangeiro credenciado sai arrancado por seguranças para dar lugar a um moscovita com ingresso de cambista na mão.

### **Cena 2, no trânsito da capital da União Soviética**

No trabalho de reportagem, meus deslocamentos em Moscou, de julho a agosto de 1983, dependem em grande parte do eficiente metrô. O problema é que não há mapas nem letreiros nos vagões, apenas se anunciam as estações em russo. Como não consigo entender nada, dependo de meu intérprete para anotar, em um papelucho, quantas estações devo contar para chegar ao destino programado. Cansada de assistir a tantos filmes no festival, às vezes durmo e perco a conta. Saio do metrô completamente desorientada e tento pegar um táxi. Passam vários e não param, estão livres e nada, ensaio todas gesticulações possíveis em vão. Chove e corro o risco de ficar ensopada, quando finalmente encontro um jovem que fala francês: volto ao metrô com nova contagem de estações e saio na estação justa onde fica a agência de notícias para enviar a São Paulo a reportagem do dia. À noite, após a exibição do festival, o grupo brasileiro vai jantar. Na porta do hotel, pegamos um táxi imediatamente. Quê? Pois é: meu intérprete decifra o mistério – de dia, os taxistas são funcionários públicos, à noite, trabalham por conta própria.

### **Cena 3, Leningrado (São Petersburgo)**

Todas as delegações que representam as cinematografias internacionais embarcam de trem na noite de sábado para conhecerem a velha capital imperial – uma verdadeira excursão mundial. O domingo em Leningrado é programado oficialmente tal qual uma roleta turística. Vários ônibus com intérpretes em cinco línguas, precedidos por carros oficiais e sirenes estridentes, conduzem os turistas pela bela cidade de canais e arquitetura mais atraente que a de Moscou. Não faltam a visita ao imponente cemitério dos mortos da Segunda Guerra Mundial e a meteórica passagem pelo Museu Hermitage, em que para conhecer o acervo secular são necessários anos (2.300 salas em cinco palácios). À tarde, passeio de barco e visita ao palácio de

verão de Pedro, o Grande, com seus jardins, fontes douradas e o rendilhado das águas à Versailles. Após o jantar, o programa culminante para mostrar ao mundo o diferencial das artes cênicas da União Soviética – um show de variedades num teatro popular repleto de público local. Muito semelhante (ou inspirado) nos espetáculos da Broadway em Nova York, a que assistira três anos antes.

\*\*\*

Poderia escolher outras cenas do “Diário de Moscou” que publiquei no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1983, e republicuei no livro *Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter* (2014). Mas essas três cenas do cotidiano, entre outras, puseram à prova a visão enquadrada em teorias, doutrinas ou ideologias. Na primeira cena, cambista na frente de teatros como em São Paulo em grandes espetáculos, me surpreendeu na União Soviética; na segunda cena, a exploração da iniciativa privada, no caso dos taxistas, é coisa do capitalismo liberal; na terceira cena, turismo e artes cênicas “massificadas” são “manipulações” da indústria cultural. Ora bem, as circunstâncias que observei na viagem à União Soviética antes da queda do muro de Berlim despertaram, além do ingênuo espanto, a inquietude da compreensão. A observação-experiência desconstrói as explicações apriorísticas e provoca a desconfortável descoberta das contradições, do imprevisível ou do indeterminado. O mundo das ideias se curva então perante as interrogantes do mundo real.

Há um longo percurso para uma consciência assim perturbada que transite para a compreensão aberta às incertezas, às indeterminações e à complexidade: abalam-se as explicações prontas de uma racionalidade reducionista ou de uma irracionalidade sem argumentos. Diria que esse processo epistemológico, em parte proveniente das circunstâncias de história de vida e em parte proveniente de grupos de pesquisa que tive o privilégio de coordenar, germinou mutações de visão de mundo, comportamento e criação de autorias no **signo de relação social**. Posso contar décadas de estudos e experiências. Hoje, o Grupo da Compreensão que Dimas A. Künsch lidera muito bem representa uma coletividade agregada, numa primeira etapa, na pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo e no núcleo de epistemologia que implantei na Escola de Comunicações e Artes nos idos de 1980.<sup>2</sup>

Antes, porém, a memória registra os questionamentos perante as gramáticas ortodoxas do funcionalismo norte-americano e da escola crítica europeia que

---

<sup>2</sup> O grupo de pesquisa “Da compreensão como método”, sediado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, tem hoje como líderes os professores e pesquisadores Dimas A. Künsch e Mateus Yuri Passos e trabalha os temas da compreensão como método em parceria com o grupo de pesquisa “Comunicación, periodismo y sociedad” (CPS), da Facultad de Comunicaciones da Universidade de Antioquia, de Medellín, na Colômbia.

doutrinavam o jornalismo e a comunicação social. Essas correntes, contrapostas às vivências de repórter, me levaram a interrogar a visão corrente da indústria cultural, regida pela determinante econômica, e a estratificação das fórmulas técnicas. Acompanhada pelos alunos de graduação nos anos 1960-70, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul à Universidade de São Paulo, partilhei noções abertas da reportagem jornalística como a **arte de tecer o presente**, a **notícia como um produto simbólico**, rico em contradições, a **entrevista como diálogo possível**. Estava então aberta a estrada, na década de 1980, para outras compreensões do processo de comunicação social e para a **mediação autoral** do jornalista. Os alunos dessa década, na graduação, iniciaram uma série de livros-reportagem que se estenderia até o presente século. Quem lê textos da coleção “São Paulo de Perfil” (26 publicados e um inédito) aí encontrará a prática dos postulados de pesquisa que os sustenta.

Foi, porém, nos grupos de pós-graduação (final dos anos 1980), nas oficinas de especialização, nos seminários nacionais e internacionais que teoria e prática se casaram com laços indissolúveis. A sensibilidade solidária da dialogia social, as técnicas em busca da racionalidade complexa e as estéticas transformadoras — estas, que em muito ganham com a inspiração dos **gestos da arte** — passaram a constituir o guia aberto das metodologias da compreensão. Os pesquisadores da área, em mestrados e doutorados, deram ao grupo de pesquisa inicial inúmeras contribuições, hoje fixadas em publicações, em docências em universidades brasileiras ou internacionais. Um bom exemplo vem do pesquisador Raul Osório Vargas que exerce um destacado papel na Universidade de Antioquia, em Medellín, Colômbia.

Não poderia deixar ao largo a decisiva contribuição dos demais saberes acadêmicos que, reunidos numa proposta inter e transdisciplinar que denominei no primeiro seminário, 1990, na USP, de “Novo Pacto da Ciência”, deram origem a outra série (sob o mesmo nome) de debates e ensaios que abalam explicações prontas, originárias das ciências da natureza, da biologia, da matemática ou das ciências humanas. O projeto de pesquisa integrado que aí nasceu, com o título “O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas”, hoje reunindo onze livros, documenta uma trajetória acadêmica que foi acoplando ao conhecimento científico o conhecimento cotidiano dos saberes locais (populares, tradicionais, comuns ou ancestrais, conforme se queira nomear), as sabedorias transcendentais e a expressão mítica da arte. Nesse intercâmbio dos disciplinados e dos indisciplinados descobrem-se abordagens da pluralidade dialógica que perturbam a razão reducionista, a sensibilidade embotada e o relato burocratizado em manuais. Da química às neurociências, da paramatemática à educação, da física à sociologia ou da química à história, a quebra de paradigmas registrada nos anais do “Novo Pacto da Ciência” (ECA/USP, 1991) oferece sólidos e transdisciplinares alicerces para a comunicação social.

Não é, pois, sem raízes na pesquisa epistemológica que chegamos à presente antologia de ensaios —*Pensar com o signo da compreensão*. Já na apresentação deste volume, os autores propõem: *Estamos todos, assim, cada um a seu modo, buscando pistas e construindo caminhos para compreender a compreensão, para pensar com seus signos, ressignificá-los*. O conjunto ensaístico aqui reunido envolve uma dialogia acadêmica rica— filosofia, crítica literária, ciência política, psicologia —em que as ciências da comunicação exercem uma mediação autoral. Dizem ainda os autores do texto de abertura: *Compreensivamente, a relação com o substrato teórico se estabelece de forma mais saudável quando este deixa de ser a referência autoritária, o guia inquestionável, e se converte em um coletivo de dialogantes, em constante e animada conversa entre si, com quem tecemos um diálogo efetivo e fértil* (meu destaque) — *e ao fim dar início a novas caminhadas, e talvez inspirar mais pessoas a vir caminhar conosco*.

Sim, em muitos grupos de pesquisadores venho acompanhando angústias e entusiasmos quando se enfrentam a crise de paradigmas, a visão de mundo e os comportamentos na construção de um conhecimento sempre incerto, aberto e incompleto. O Grupo da Dialogia Social, hoje mais estruturado e com inúmeras publicações que atestam o esforço epistemológico, vem de décadas e se projeta num horizonte não delimitado. Percorrendo os capítulos deste livro, busca-se firmar os alicerces da **metodologia da compreensão** não apenas no domínio conceitual, abstrato, mas no **ato presencial**, vocação inaugural da reportagem jornalística ou da abordagem empírica na pesquisa acadêmica. Aí se experimenta a observação com os cinco sentidos perante os fatos explícitos, os implícitos ou os misteriosos das circunstâncias humanas. O **ato compreensivo** desmonta a explicação já antecipadamente formatada e a aplicação da consequente metodologia doutrinária. Abre-se a perspectiva de uma leitura do real desarmada em que **a observação-experiência** e o **diálogo possível** acionam a racionalidade complexa, a intuição criativa e a estética transformadora da escrita da ciência, como na arte ou na **oratura**.

A interação social criadora nos encontros/desencontros dos **sujeitos** pesquisados-pesquisador, pesquisador-pesquisados faz parte do itinerário da inquietude compreensiva tanto no cotidiano quanto no domínio dos saberes científicos. Há muito aprendemos no convívio com a nova física das primeiras décadas do século passado que, na prática, acontece uma interrelação **sujeito-sujeito** e não **sujeito-objeto**. Essa quebra de paradigma criou ruídos na velha epistemologia do objetivismo. E experimentar essa interatividade, quase sempre conflitiva, não se esgota na euforia da era digital e a democratização de acesso dialógico. Mistério para a compreensão permanece a experiência dos corpos humanos quando se encontram e desencontram. Poder, política e diálogo ensaiam dar conta dos parâmetros que regem o viver em sociedade, mas a pluralidade de egos, grupos,

comunidades, nações e universalidades sem fronteira desafiam um *pensar com o signo da compreensão*, a cada momento pavimentado por saber local, saberes acadêmicos, vocalizações artísticas ou linguagem mítica.

Não foi em vão que empenhei uma década, a de 1980, em busca da compreensão possível da linguagem mítica no universo das literaturas portuguesa, africana e brasileira (na ordem das viagens). O que encontrei com apoio na escrita poética, nos depoimentos de 150 escritores —alguns já morreram— e no contato direto com as sociedades, foi a força que o mitólogo Mircea Eliade compreende nessas narrativas que transcendem a realidade factual ou apreendida em esquemas conceituais. E o historiador brasileiro Nicolau Sevcenko da Universidade de São Paulo (1952-2014) nos dizia que o mito é a narrativa do desejo de outra História. Por isso mesmo, ao tentar ler mitos fundantes, por exemplo, no romance de língua portuguesa, esbocei uma leitura cultural dos desejos coletivos de outra História. Não me prendo à crítica estética em si, porque o signo acontece e o artista capta como ninguém essa dinâmica **acontecência** nas sociedades e nas culturas. Enquanto o signo acontece na leitura cultural da obra de arte, no exame fragmentário do discurso, ocorre a necrópsia sgnica. Essa, a proposta que, depois de publicar em três livros essa longa viagem, defendi, em 1989, na livre-docência na USP. O quarto livro, originário da investida em mito e sociedade, ensaia sintetizar o laço profundo da literatura: *Povo e personagem* (1996).

Desde então a oficina coletiva de pesquisa introduz na cena epistemológica os traços da mítica universal, atualizados em todos os tempos históricos. Como defendi, trata-se de uma abordagem cultural que exige outra compreensão, para além da metodologia estruturalista ou da análise de discurso. Sem a cara —ou carranca— da racionalidade arrogante, aceita-se no exercício compreensivo ora desejado não só a transcendência da linguagem mítica no domínio não disciplinado da arte, mas também impulsos outros, não conscientes, que regem o **signo da relação, o signo que acontece**. Quando se pauta pesquisa regida a priori por conceitos disciplinados na bibliografia, quando se programa a aplicação de questionários para extrair resultados no trabalho de campo, não se ousam a sensibilidade intuitiva e a eventual descoberta de outros significados que, em geral, contrariam o ponto de partida das hipóteses e das categorias estabelecidas. Perde-se nesse pretenso rigor de pesquisa, segundo paradigmas e técnicas apriorísticas, a oportunidade de compreender, na situação viva, a explosão imprevisível da descoberta. Perde-se também, sob a máscara da seriedade, que o **ato compreensivo** é uma experiência libertária, até mesmo lúdica.

\*\*\*

Como comecei, fecho com uma quarta cena, se me permite esse abuso o respeitável leitor.

## Quarta e última cena: Farra, alforria

Os alunos de Jornalismo da USP, nos primeiros anos da década de 1990, escolhem o tema da série livro-reportagem “São Paulo de Perfil”. Querem abordar no décimo primeiro volume o lazer na cidade. Após a escolha do tema, levamos mais ou menos um mês para desconstruir-construir a pauta de reportagens e colaborações ensaísticas. Mas desta vez está complicado: já se vão três encontros de três horas semanais e não sai das mentalidades dos jovens comunicadores a sociologia pronta do shopping center como o foco do consumo capitalista. Ao que tudo indica seria um samba de uma nota só. Traziam das disciplinas teóricas não só os clichês da indústria cultural e a manipulação das consciências como os clichês da sociologia crítica. Tudo no shopping center seria lazer programado pelo mercado, inimigo das crianças e dos jovens. A cidade de São Paulo não ofereceria qualquer outra forma de divertimento, e os “autores de cabeça feita” iriam percorrer os shoppings para “provar” essa tese. (Pode-se imaginar meu desespero na coordenação do laboratório pedagógico de narrativas da contemporaneidade. Que fazer?)

Aí veio a intuição: chamo dois psicólogos para fazer uma intervenção na turma. Por que não dizer, uma terapia de grupo. E não é que deu certo? Ao término de três horas de muita discussão e cautelosa interferência dos profissionais convidados, todos chegam ao ponto culminante: o lúdico é a possibilidade de emancipação, o ato libertário perante as mazelas da vida. **Farra, alforria**, o achado metafórico que seria o título de um conjunto de narrativas muito além da ideia fixa no shopping center. O riso no asfalto, na avenida Paulista ou nos recreios, divertidas aventuras no cortiço, encenação de alegria de artistas nos semáforos, a moça da noite que entrega rosas às namoradas e os namorados pagam disfarçadamente as flores, shows e encantamentos em botecos, futebol e hiperespaços, cotidianos tão cotidianos como a conversa duma criança com as letrinhas da sopa. ETC. E não dá para esquecer os autores da última reportagem no 11º São Paulo de Perfil: chegam com o maior texto, completamente fora da bitola. “Inconsciência à parte, arte” narra o ato emancipatório no hospício. Pacientes psiquiátricos encontram —salve a transcendência lúdica!— na arte do inconsciente sua razão lúdica de humano ser. De passagem, me vem a lembrança de Nise da Silveira (1905-999), pioneira na **compreensão** e grandeza dessa arte.

Quanto ao lazer em São Paulo, apreendi nas reportagens muitas dimensões simbólicas que explodiram a pauta óbvia. Tento expressar uma das compreensões possíveis ao apresentar o livro de 1992: *Na aventura humana do cotidiano, cada pequena ou grande farra assina uma carta de alforria*.

\*\*\*

Na presente coletânea, ampliam-se os horizontes reflexivos e as experiências empíricas dos ensaístas que rompem com explicações prontas e se lançam a

compreensões abertas. Eis um itinerário marcado pela ousadia. E pelos riscos a serem assumidos.

## REFERÊNCIAS

- MEDINA, Cremilda e LEANDRO, Paulo Roberto. 1973. *A arte de tecer o presente*. São Paulo: Edição dos autores.
- MEDINA, Cremilda. 1975. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Editora Alfa-Omega.
- MEDINA, Cremilda. 1980. *El rol del periodista*. Quito: Ciespal.
- MEDINA, Cremilda. 1982. *Profissão jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MEDINA, Cremilda. 1983. *Viagem à literatura portuguesa contemporânea*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- MEDINA, Cremilda. 1985. *A posse da terra: escritor brasileiro hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda; São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.
- MEDINA, Cremilda. 1986. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MEDINA, Cremilda. 1987. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Edições Epopéia, 1987.
- MEDINA, Cremilda. 1996. *Povo e personagem*. Canoas, RS: Editora da Ulbra, 1996.
- MEDINA, Cremilda. 1998.  *Símbolos e narrativas: rodízio 97 na cobertura jornalística*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo / Secretaria do Meio Ambiente.
- MEDINA, Cremilda. 2003. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus Editorial.
- MEDINA, Cremilda. 2006. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus.
- MEDINA, Cremilda. 2008. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus Editorial.

MEDINA, Cremilda. 2008. *Força perene de Oswaldo Guaysamín: a magia do reencontro*. São Paulo: Coleção Marta Traba da Fundação Memorial da América Latina.

MEDINA, Cremilda. 2012. *Casas da viagem: de bem com a vida ou afetos do mundo*. São Paulo, Edição de autor.

MEDINA, Cremilda. 2014. *Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter*. São Paulo: Summus Editorial.

MEDINA, Cremilda. 2016. *Ato presencial: mistério e transformação*. São Paulo: Edições Casa da Serra.

MEDINA, Cremilda. 2018. *A arte de tecer afetos: signo da relação 2 – Cotidianos*. São Paulo: Edições Casa da Serra.

### **Série “Novo Pacto da Ciência”**

MEDINA, Cremilda (Org.). 1991. *Novo pacto da ciência: a crise de paradigmas, 1º Seminário Transdisciplinar – Anais*. São Paulo: ECA/USP.

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (Orgs). 1993. *Do Hemisfério Sol: o discurso fragmentalista da ciência*. São Paulo, ECA/USP.

MEDINA, Cremilda. 1994. *Saber plural*. São Paulo, ECA/USP.

MEDINA, Cremilda. 1995. *Sobre vivências: no mundo do trabalho*. São Paulo, ECA/USP.

MEDINA, Cremilda. 1996. *Agonia do Leviatã: a crise do Estado Moderno*. São Paulo, ECA/USP.

MEDINA, Cremilda. 1998. *Planeta inquieto: direito ao século XX*. São Paulo, ECA/USP.

MEDINA, Cremilda. 1999. *Caminhos do saber plural: dez anos de trajetória*. São Paulo, ECA/USP.

MEDINA, Cremilda (Org.). 2005. *Ciência e sociedade: mediações jornalísticas*. São Paulo: Coordenadoria de Comunicação Social/Estação Ciência da Universidade de São Paulo.

MEDINA, Cremilda; MEDINA, Sinval (Orgs). 2008. *Diálogo Portugal-Brasil, século XXI: novas realidades, novos paradigmas*. Porto, Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa.

MEDINA, Cremilda. 2009. *Energia, meio ambiente e comunicação social*. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero; Porto, Portugal: Universidade Fernando Pessoa.

MEDINA, Cremilda (Org.). 2010. *Liberdade de expressão: direito à informação nas sociedades latino-americanas*. São Paulo: Edições da Fundação Memorial da América Latina.

### **Série “Foro Permanente de Reflexão sobre a América Latina”**

MEDINA, Cremilda (Org.). 2008. *Povo e personagem: sociedade, cultura e mito no romance latino-americano*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.

MEDINA, Cremilda. 2011. *Aids: na rota da esperança*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.

MEDINA, Cremilda. 2011. *O impacto do microcrédito para a mulher latino-americana*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.

MEDINA, Cremilda. 2011. *Viagem à América Indígena: do Eldorado à cidade contemporânea*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.

MEDINA, Cremilda. 2012. *Fronteiras latino-americanas: geopolítica do século XXI*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.

MEDINA, Cremilda. 2012. *Poética dos saberes: complexidade, compreensão e cultura*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.

MEDINA, Cremilda.. 2012. *Símbolos itinerantes, estampas mestiças: o caminho da chita da Índia para a América*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.